

REVISTA ADVENTISTA

O que o dinheiro não compra
A origem da vida
Saudações aos Irmãos Portugueses
*O Problema da harmonia dos Evan-
 gelhos*
A Escola

Quando se torna necessário um reavivamento na vossa Igreja

- QUANDO o culto de oração é escassamente concorrido.
- QUANDO a assistência é menor nas ocasiões da Santa Ceia.
- QUANDO o espírito missionário declina.
- QUANDO os membros retêm o dízimo.
- QUANDO as ofertas para as missões diminuem.
- QUANDO os membros não acham tempo para o culto familiar.
- QUANDO os membros calcam aos pés os limites do Sábado.
- QUANDO os membros não têm bastante interesse no progresso da Mensagem, deixando de assinar as nossas revistas e de adquirir os nossos livros.
- QUANDO os princípios da verdadeira reforma da saúde são deprezados.
- QUANDO se lêem diariamente os jornais e revistas mundanos, com exclusão da Bíblia e de outras leituras religiosas.
- QUANDO os membros buscam a convivência de pessoas do mundo, em vez de se comunicarem com domésticos da fé.
- QUANDO os membros gastam tempo e dinheiro a embelezar seus lares, queixando-se quando se fazem apelos para levantamento de fundos para ajudar o avanço da Obra do Senhor.
- QUANDO os membros criticam os oficiais da igreja ou os obreiros.
- QUANDO há ostentação no vestuário, com uso de jóias e adornos mundanos.
- QUANDO o espírito de crítica prevalece entre os membros.
- QUANDO predomina o amor dos divertimentos.

Se estas condições se observam de algum modo em vossa igreja, buscai diligentemente a Deus para alcançardes um reavivamento da Sua Obra entre vós. Começai por vos consagrar de novo a Deus, esforçando-vos depois pelo reavivamento dos outros.

Autor Anónimo

SUMÁRIO

Quando se torna necessário um reavivamento na vossa igreja

Página Editorial

Seja sempre a Bíblia verdadeira

A Volta a Deus

«E o dragão irou-se contra a mulher...»

O que o Dinheiro não Compra

A origem da vida

Saudação aos Irmãos Portugueses

O Problema da harmonia dos Evangelhos

À Escola

Jesus Mediador

O Auxiliar da Escola Sabatina

SETEMBRO DE 1964

ANO XXV N.º 216

DIRECTOR E EDITOR:
A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:
D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
F. MENDES, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

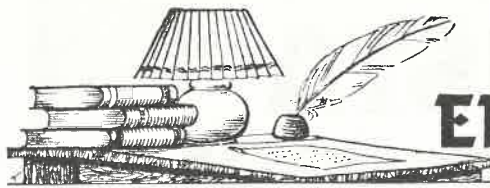
PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:
SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00
Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos e Irmãs:

Pastor J. J. Laranjeira para Tomar.

Pastor José Abella para Pero Negro.

Evangelista José Manuel de Matos para Espinho e Canelas.

Evangelista Abílio Echevarria para Barreiro.

Evangelista Artur de Oliveira para Algarve.

Estamos em plenas férias; já estão, porém, a declinar. Se ainda não nos esforçamos por interessar nas Verdades Divinas, pelo menos uma alma, ainda estamos a tempo de o fazer. Ao trabalho e que Deus o abençoe.

Aqui vos apresentamos algumas notícias.

A nova Igreja de Canelas

Com a presença do nosso prezado Irmão, Pastor Fridlin, Director da Divisão Sul-Europeia, será inaugurada, no próximo dia 12 do corrente mês de Setembro, a igreja de Canelas.

Que o Senhor a abençoe, largamente, de modo a que seja um foco de atracção para muitas almas para o Reino Eterno.

Acampamentos Estivais

Só no próximo número do mês de Outubro será possível apresentar a reportagem completa dos nossos sempre tão apreciados e abençoados Acampamentos; por agora basta dizer que todos os que tiveram a dita de tomar parte neles regressaram com saudades e já estão desejosos de participar no próximo futuro. E que assim seja.

Movimento de Obreiros

Pastor Samuel Reis para Lisboa.
Pastor Eliseu Miranda para Coimbra.

Semana de Oração

Dentro em breve teremos o privilégio de entrar numa nova Semana de Oração. Mais uma vez recomendamos a conveniência de adquirir a *Revista Adventista*, nomeadamente, o número avulso do mês de Novembro, que contém as leituras para cada dia daquela semana.

Não deixemos passar esta tão bela oportunidade de adquirir a nossa **REVISTA ADVENTISTA**, pois ninguém de nós duvida de que tal é a vontade de Deus.

Baptismos

Damos graças a Deus pelo bom número de preciosas almas que se entregaram a Jesus. Esperamos, confiados, que o próximo trimestre também seja uma bela vitória.

A. C.

Seja sempre a Bíblia verdadeira

No Livro de Levíticos, descobrimos com muita facilidade a maneira meticulosa exigida por Deus para O servir segundo a sua augusta vontade.

As ofertas, serviço e louvor para serem aceites, têm que ser exactamente conforme a sua indicação. E hoje, tal como no passado, tem que ser do mesmo modo. Jesus nos advertiu: «Em vão Me adoram com doutrina que são preceitos dos homens».

A presunção e os preceitos ou opiniões dos homens, poderão ter muita lógica, mas há sempre mais segurança num «assim diz o Senhor».

E como Deus não é um Deus de confusão, mas de ordem e de paz em todas as igrejas, as igrejas que O servem de acordo com as suas directrizes, mostrarão essa ordem, pensando e agindo de uma só maneira, visto os seus membros como discípulos de Cristo, estarem ao abrigo da sua oração, uma vez feita por Ele ao Pai: «Que eles sejam um assim como Eu sou um contigo ó Pai!».

Disse Jesus uma vez ao tentador: «Nem só do pão viverá o homem mas de toda a palavra que sai da boca de Deus». Sendo assim, devemos andar sempre acutelados com certas opiniões (de homens santos embora), que substituam algo que seja da palavra de Jeová.

Digamos e procedamos como o Salmista: «Não sejam envergonhados por minha causa aqueles que esperam em Ti» Sal. 69:6.

«É impossível que não venham escândalos, mas aí daqueles por quem o escândalo vem». Livrem-nos dos ais do Senhor! Toda a regra cristã, que não é confirmada pela Palavra de Deus poderá parecer muito justa, mas será arrancada por ser uma planta que Ele não plantou.

Eis o conselho do apóstolo: «Sêde unânimes entre vós, não sejais sábios aos vossos próprios olhos, aprendei qual seja a vontade de Deus. Não te deixes vencer do mal

vence o mal com o bem... É tempo de despertarmos do sono... a noite é passada e o dia é chegado, andemos honestamente como de dia... sem contendas, propondo não pôr tropeço nem escândalo ao Irmão; cada um não agrade a si mesmo, nem procure fazer a sua vontade,

por MARCELINO DE MATOS VIEGAS

mas aprenda cada qual a obedecer à vontade de Deus».

Jesus Cristo nos deu o exemplo, não procurando agradar a Si mesmo, mas fazer integralmente a vontade daquele que O enviou.

Continuemos a ouvir a exortação de Paulo: «Sòmente deveis portar-vos dignamente conforme o Evangelho de Cristo, num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo pela fé do Evangelho... não atente cada um para o que é próprio seu, mas cada qual para o que é dos outros. Pois também Cristo não procurou agradar a Si mesmo. E se alguém não obedece à nossa palavra notai o tal, para que se envergonhe. Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai».

De nada que é bom e de boa fama Deus nos proíbe, mas proíbe sim de causar tropeços aos irmãos ou qualquer pessoa, com as nossas inovações, fugindo de um assim diz o Senhor. Seja em que sentido for. Ninguém saiba mais do que convém saber, porque as coisas reveladas são para nós e para os nossos filhos. As encobertas são para Deus.

Sendo assim, respondamos conscienciosamente à pergunta de Paulo: «Julgai entre vós mesmos; se é decente que a mulher ore ou profetize a Deus com a cabeça descoberta?» Se não é decente é indecente, e das coisas indecentes nos

manda Deus afastar. E se dizemos que é decente desmentimos Paulo, fazemo-lo mentiroso, e não podemos jamais crer no que ele afirma: Que toda a palavra de Deus é proveitosa para instruir o povo de Deus!

Diz-se, quase em geral, que cobrir a cabeça não tem qualquer importância. Parece que mais razão tinha Resa para amparar a Arca e no entanto morreu! Ai do que é sábio aos seus próprios olhos... que essa proibição era apenas para as mulheres daquele tempo. Ou eu estou muito cego ou o ensino de Paulo é de grande valor.

Será de pouca importância a maneira como a mulher deve apresentar-se perante o Senhor? Se Deus não se importa com a maneira como devemos comparecer perante Ele, já não posso mais compreender com que Ele se importe!

Paulo abre o capítulo de I Cor. precisamente ao tratar de como todos nós nos devemos apresentar na igreja, onde Deus está presente de uma maneira especial, pois, afirmou Jesus: «Onde dois ou três estiverem reunidos, aí estarei no meio deles».

E diz Paulo, sêde meus imitadores como eu também o sou de Cristo. Mas como poderá alguém dizer com verdade, que procura imitar Paulo, se diz que o seu serviço neste ponto não tem qualquer importância para hoje? Pode cada um seleccionar para si a doutrina que mais gosta e deixar as que não são da sua simpatia? Será que Paulo hoje não deve ser imitado? Sim há outros cristãos que também dizem que outras doutrinas e conselhos de Paulo foram só para o seu tempo, e nós lhes dizemos abertamente que não, mas onde está a força para o nosso argumento, se neste ponto fazemos como eles? E vem a advertência: «Pensas tu que fazendo o que condenas aos outros escaparás?»

As mulheres do tempo de Paulo, tanto as honestas como as desonestas não usavam a cabeça tapada, porque tal como hoje, elas usavam

artísticos penteados, e principalmente as gregas a quem de uma forma especial se dirigia. Logo não era por causa de qualquer indecência mundana que ele mandava cobrir a cabeça, mas unicamente porque Deus assim o deseja. Logo o argumento de Paulo tem tanto valor hoje, como naquele tempo, e até que o mundo exista! Porque representa algo que é eternamente assim: «Cristo é a cabeça de todo o varão, e o varão é a cabeça da mulher, e Deus é a cabeça de Cristo». (Não é hoje do mesmo modo?) E precisamente porque assim é, é que o homem que ora ou profetiza com a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada! Parece que a mulher sem cabelo, é uma vergonha, não agrada a Deus nem aos homens!

Portanto se a mulher não se cobre com véu, tosquie-se (e deste modo negará o seu sexo e será como o varão). Mas se para a mulher é indecente tosquiarse ou raparse, então que ponha o véu.

O varão pois, não deve cobrir a cabeça, porquê? Porque é a imagem e a glória de Deus, e porque deve a mulher cobri-la? Porque é a imagem do varão. Aqui não há argumentos que possam resistir a esta verdade. Paulo não aconselhava as mulheres a cobrirem a cabeça porque só as mulheres más a usavam descoberta, mas apenas e somente porque ela é a imagem do varão, como o varão é a imagem de Deus. Não é somente neste ponto que Deus quer que a mulher seja diferente do varão, mas até mesmo no vestir. Vejamos: «Não haja traje de homem na mulher, e não vestirá o homem traje de mulher porque qualquer que faz isto, abominação é ao Senhor» Deut. 22:6. Logo, encontramos nestes ensinos uma escala de respeito a Deus e uns para com os outros e todos para com a igreja de Deus.

Paulo apresenta outro argumento para que assim se proceda. É que o homem não foi criado por causa da mulher, mas sim, a mulher por causa do varão, e ainda um terceiro: A mulher deve cobrir a cabeça em sinal de poderio por causa dos anjos. Logo a mulher perde o poder de que precisa na sua vida espiritual quando se nega a pôr o véu. Mais uma vez dizemos com

toda a convicção que nos vem da palavra de Deus: Paulo não mandou cobrir a cabeça às mulheres por causa das mulheres más de Corinto, mas pelas causas descritas na palavra de Deus que são eternas!

Os próprios anjos no Céu, segundo o E. de Profecia velam o rosto na adoração a Deus. Prezadas Irmãs em Cristo, não digam mais diante de Deus, que foi erro (de Paulo) não consintam que a vossa boca, faça pecar a vossa carne, e por esta razão se ire Deus contra vós Ecl. 5:6, mas em vez disto, dêem a devida honra e glória a Deus conforme a sua palavra, deixando toda e qualquer teoria dos homens. Porque o coração do homem é enganoso mais do que todas as coisas e perverso, e quem o conhecerá? Procurai seguir o exemplo das vossas irmãs do passado, bem mais antigas do que Paulo. Como Rebeca que cobriu a cabeça em sinal de respeito ao ver Isaac Gén. 24:65. Logo o véu é o sinal do respeito e da decência das mulheres que servem a Deus.

Como Satanás enganou Eva procura agora enganar as filhas desta do mesmo modo que enganou a primeira: Foi assim que Deus disse? Ora isso foi dito apenas para as mulheres de Corinto naquele tempo! Em face disto, ouçamos de novo S. Paulo: Julgai entre vós mesmas se é decente que a mulher ore a Deus ou lhe preste culto descoberta? No entanto Ele, Deus, vos diz: Eis que ponho diante de vós dois caminhos — o da minha vontade e o da vossa vontade, escolhei hoje a quem sirvais, se a Mim ou a vossa vaidade e a vossa presunção.

Argumenta-se ainda que Paulo diz que o cabelo foi dado à mulher por ou em vez do véu. Mas se assim é, porque insiste então ele para que se cubram? Ele apenas quer despertar a consciência e a razão dizendo que a mulher não pode fugir à lei da natureza que a criou diferente do homem, e que a própria natureza a cobriu ao contrário do varão com um véu natural, para que ela aprenda que deve pôr agora um véu artificial, em concordância com a natureza sua mestra.

Mas não admira que hoje teimem contra este uso, pois nos parece que no tempo de Paulo algumas se não conformavam também, diz ele: Se

alguém quiser contender nós não temos tais costumes nem a igreja de Deus, e assim término este negro assunto.

Minhas prezadas Irmãs arrazemos com bastante senso, sobre o assunto: Se a mulher pode orar com a cabeça descoberta, o homem pode fazer o mesmo com a sua coberta, porque a razão de uma cobrir a cabeça, é precisamente a mesma de o outro a descobrir a sua, não é assim? Mas como vos sentiríeis vos se vísseis entrar algum homem com o chapéu na cabeça, na vossa congregação? É claro que durante algum tempo se começásseis a ouvir que esse costume era só para os homens de Corinto, a vossa reacção ia diminuindo pouco a pouco, até que por fim não vos importariéis que uns estivessem com o chapéu e outros sem ele. Tudo acharíeis natural! Ora foi o que aconteceu connosco.

Mas precisamos de dizer todos a mesma coisa: «Rogo-vos Irmãos pelo nome de Jesus que digais todos a mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes, sejais unidos, em um mesmo parecer, e um mesmo sentido «I Cor. 1:10.

Será pecado ter a cabeça descoberta, dirão não é pecado! Pois se não é, a igreja deve ensinar em todas as congregações que as Irmãs venham sem véu e não deixar entrar nenhuma noutras condições para que haja a harmonia do mesmo sentimento e do mesmo parecer, e acabe-se de vez com tal confusão!

Contudo se achais que não é pecado vir à igreja com a cabeça coberta, cobria-a, mesmo contra a vossa opinião e não dareis ocasião a discussões porque a palavra de Deus vos defende. Permitti-me uma perguntinha: Se viesse a moda de entrar em todo o lado com a cabeça coberta, tiraríeis o vosso chapéu, lenço ou véu somente ao entrar no templo? Respondei como na presença de Deus. Se o não tiraríeis porque era moda entrar em todo o lugar com a cabeça coberta, porque não seguís sempre a santa moda de Deus e das vossas santas irmãs do passado, quando vindes à igreja? Argumentai como quiserdes, Deus será sempre verdadeiro...

Julgo, que em tempo algum da igreja adventista, algum ministro

(Continua na pág. 24)

POR este tempo surgiu uma oportunidade para eu ir à América do Sul, para cantar no Rio de Janeiro. Uma tarde após o meu compromisso de canto dei volta em toda a bela cidade num táxi. À noite, o Rio é um sonho de cidade cravejada de luzes. Repentinamente percebi o farol giratório sobre o Pão de Açúcar, uma montanha de puro granito, mais alta do que o Empire State Building que sobe espectacularmente da baía. As luzes do Rio parecem cordões de ouro, como contas de um rosário pendentes contra um veludo purpúreo. Cheguei a arfar perante a beleza da estátua de Cristo no topo do Corcovado.

A grande estátua parecia ter desido do Céu, e tive a estranha impressão de que Cristo vinha directamente a mim — a cada um que propusera fazer um compromisso com Ele e tinha esquecido. Tocada no coração, voltei a meu solitário quarto no Hotel e pensei na minha vaidade e frustração. A vívida impressão que recebi da estátua ficou na memória. Minha consciência recusou tranquilizar-se. O que deveria eu fazer com Jesus Cristo?

Meu estado de agitação continuou e se tornou pior. Sobrevieram doenças. Quando voltei aos Estados Unidos, fui atropelada por um automóvel em Filadélfia e levei uma queda forte. Meses de inactividade se seguiram. Então tive pneumonia, bronquite, duas operações da garganta — minha voz se enfraqueceu. Comecei a ficar desesperadamente assustada e cheguei a desejar orar a Deus. Tinha medo de aproximar-me d'Ele. Mas não podia esquecer aquela promessa não observada.

Minha saúde melhorou um pouco, e meu empresário sugeriu que me apresentasse na Europa. Embora estivesse profundamente infeliz, podia cantar, e a renda em dinheiro de meus compromissos em Mônaco e na Itália seria fantástica. Comprei mais vestidos, peles, perfumes, bolsas. Quando o avião me deixou em Paris, estava com a mesma disposição de ânimo de quando saí — buscando, perseguindo, incapaz de encontrar aquilo que constantemente me iludia.

Então fiz o que milhares de pessoas confundidas fazem todo dia. Se Deus não podia ajudar-me, ar-

razoei, um psiquiatra poderia. Escolhi um médico bondoso e compreensivo, mas ele sabia que o que eu procurava vinha de Deus, e de ninguém podia obter. Instou comigo para que eu orasse, voltasse à igreja, mas dei a mesma desculpa: amanhã, amanhã o farei.

Naquela noite tive um sonho. Sentei-me num deslumbrante trono, monarca de todos me vi. Grandes

uma entrevista para o dia seguinte. Na reunião derramei minha alma, apresentando a mesma pergunta feita no Pentecostes: — **Que farei?**

A resposta do ministro foi a única concebível: — Cumpra sua promessa a Deus.

— Mas, repliquei, e os meus consideráveis compromissos e obrigações e o meu empresário? e a que me acompanha?

A Volta a Deus

Por **JOYCE BRYANT**

(Conclusão)

idades, cofres de dinheiro, toda a espécie de riqueza concebível jazia a meus pés. Congratulei-me por minhas grandes poses quando olhei para os lados e descobri que estava completamente sòzinha. Não havia ninguém para partilhar minha glória, ninguém para falar comigo, ninguém para ser feliz comigo. Comecei a chorar com uma espécie de desolação de coração doente.

Repetidas vezes tive o mesmo sonho terrível. Às vezes, no sonho, forcejava por apanhar àvidamente as coisas exibidas diante de mim.

Por esse tempo encontrei uma amiga que era modelo em Nova York e que tinha sido uma vez membro da igreja. Falei-lhe de minha miséria e desolação. Nós duas lançáramos com outra amiga de Washington, Nossa amiga insistiu que orássemos. Insisti em apegar-me à crença de que Deus me fulminaria se eu presumisse falar-lhe. A amiga de Washington orou fervorosamente por nós ambas — duas solitárias e infelizes moças.

No próximo sábado minha amiga, o modelo, e eu, fomos à igreja. Era o começo de uma semana de oração. O pastor R. T. Hudson, de Cleveland, Ohio, pregou um impressionante sermão àqueles que desejavam orações. Minha amiga e eu deixámos nosso endereço e o telefone com o pastor e lhe pedimos que nos visitasse. No meu apartamento gastei horas ansiosas esperando pelo telefonema. À noite o Sr. Hudson me chamou e marcou

Bondosamente o Sr. Hudson disse: — Miss Bryant, ninguém pode servir a dois senhores. Você tem que escolher.

Aquela noite, terrivelmente transformada, tive outro sonho. Eu estava andando estrada abaixo e cheguei a uma encruzilhada. Quando parei e pensei sobre que caminho tomar, apareceu uma escada. Subi por ela aceleradamente e, do último degrau, contemplei tudo. Repentinamente avistei o inferno. Caos e destruição encontraram meus olhos em todos os lados. Havia bêbedos, viciados, e toda a espécie de pessoas e coisas más.

Não pude ver a outra estrada. Sabia que era a estrada para Deus, que nos permite ver apenas um degrau de uma vez. Mas é uma estrada que não precisamos temer nunca, porque Cristo nos conduz triunfalmente até ao fim. Acordei chorando desesperadamente. Escrevi uma carta a minha mãe e solicitei suas orações. Insisti com ela que pedisse ao Sr. Spears para orar por mim.

Lembro-me da exortação do Sr. Hudson: «Busque... primeiro o reino de Deus.» Deus tem sido paciente, misericordioso para comigo. Comecei a orar: «Senhor, tem compaixão de mim. Por favor, mostra-me o caminho!»

Minha Bíblia, que eu tinha empunhado, caiu aberta. Distraída, olhei as palavras que estavam diante de mim: «Homem de pouca

(Continua na pág. 14)

«E O DRAGÃO IROU-SE CONTRA A MULHER...»

A. OLIVEIRA

Quando o povo de Israel se encontrava às portas de Canaan, em demanda da terra prometida, Satanás tentou num último esforço, impedir o avanço das hostes israelitas opondo-lhes um dos mais poderosos obstáculos. Balac, rei dos moabitais, temendo pela sua segurança chama Balaão, ex-profeta de Deus, para que este, por meios sobrenaturais trouxesse uma maldição sobre Israel.

Balaão, conhecedor da vontade divina, mas instado pela ganância e pelos rogos de Balac, levanta-se e parte. Mas eis que Deus lhe aparece no caminho «por adversário» e com a solene mensagem: «Vai-te com estes homens; mas somente a palavra que eu falar a ti esta falarás.»⁽¹⁾ Balac recebe-o com grande alegria que cedo se desvanece pois o «feitiço volta-se contra o feitiçeiro» e em lugar de maldições Balaão prefere bênçãos e prediz para o povo de Deus um glorioso futuro!⁽²⁾

«Ora tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos»⁽³⁾. De acordo com este texto do Apóstolo, encontramos no Velho Testamento lições preciosas de encorajamento, bênçãos e exortações bem como advertências para a Igreja de Deus dos nossos dias.

Como o povo de Israel no passado, encontramos-nos no limiar do Reino Eterno, na grande ofensiva da proclamação da Mensagem a todos os cantos da terra e preparando-nos para nos encontrarmos com nosso Bendito Salvador! Mas igualmente, receoso pela sua própria segurança e de seus súbditos, o príncipe das trevas que não dorme «irou-se contra a mulher e foi fazer guerra ao resto da sua semente...»⁽⁴⁾

Sabendo que uma guerra aberta contra o povo de Deus não lhe traz vantagem alguma mas apenas contribuiria para este cerrar fileiras e

apoiar-se no braço de seu Poderoso Vencedor, Satanás age encobertamente servindo-se do seu poder sobrenatural a fim de enganar «os que habitam na terra»⁽⁵⁾. «E não é maravilha porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz».⁽⁶⁾ Na realidade ele já foi um anjo de luz (Lúcifer) em tempos passados, mas agora, em revolta contra Deus, conserva não obstante, grande parte do seu antigo poder que utiliza unicamente para perder o maior número de almas e combater a Igreja objecto principal da sua ira. Mas os filhos de Deus devem estar alerta contra os «seus ardis»⁽⁷⁾ e não devem recear os seus ataques.

Quando Moisés transformou, perante Faraó, a sua vara em serpente, Satanás exibiu também os seus agentes, «os Magos e encantadores» do Egipto, os quais vieram «com os seus encantamentos»⁽⁸⁾ e realizaram ante os olhos admirados de Faraó os seus prodígios. A diferença, e foi isto que Faraó não viu provavelmente, residia no facto de Moisés não se ter servido de «encantamentos» (Deus não utiliza estes meios!!!) mas a sua serpente era realmente um réptil que se arastava ameaçadoramente pela sala, ao passo que as serpentes dos magos eram apenas «mistificações» — não serpentes verdadeiras — tanto assim que a «vara de Aarão trago as varas deles»⁽⁹⁾. Referindo-se a este acontecimento, S. Paulo, utiliza-o, para ilustrar uma classe de homens que viveria nos últimos dias. «E como Janes e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé».⁽¹⁰⁾ Quer isto dizer que nos últimos dias os homens haveriam de pretender realizar milagres «encantamentos» melhor lhes poderíamos chamar, a fim de resistirem à verdade, ou seja, ao progresso da obra de Deus na terra. Que esta oposição é de instiga-

ção satânica não pode haver a menor dúvida pois o mesmo Apóstolo diz: «Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apotatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demónios».⁽¹¹⁾ «A esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás com todo o poder, sinais e prodígios de mentira».⁽¹²⁾

Satanás é conhecido na Bíblia pelo «Pai da mentira».⁽¹³⁾ Seu primeiro engano aqui na terra consistiu em falar através de uma serpente induzindo Eva a pecar, com a insinuante e falsa afirmação: «sereis como Deus»,⁽¹⁴⁾ reforçando o que anteriormente já tinha dito: «Certamente não morreréis».⁽¹⁵⁾ Um dos mais sagrados atributos de Deus é a imortalidade. «Aquele que tem Ele só a imortalidade...»⁽¹⁶⁾ Ora com este engano Satanás induziu e induz os homens a crer que são como deuses, isto é, imortais. Para defender esta doutrina, como hábil encantador que é, aparece em nome dos que já faleceram por meio de visíveis manifestações ou servindo-se dos chamados «médiuns». Segundo o claro ensino da Bíblia os mortos «não sabem coisa nenhuma»⁽¹⁷⁾ mas aguardam inconscientes na sepultura o dia da ressurreição: «Porque o mesmo Senhor descera do Céu com alarido, com voz de arcanjo e com trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro».⁽¹⁸⁾

Satanás serve-se também de outros pretensos milagres, como curas, maravilhas e outros fenómenos, para levar os indoutos a crerem na veracidade de certos grupos pretensamente cristãos ou religiosos. E hoje ele está operando muito especialmente neste sentido. Por isso não é de estranhar que quando Jesus voltar muitos Lhe dirão: «Senhor, Senhor não profetizámos nós em

(Continua na pag. 14)

O que o Dinheiro não Compra

TODOS nós temos acrescentado, multiplicado e engrandecido as coisas que o dinheiro nos poderiam assegurar. Já pensaste, por acaso, nas muitas, muitas coisas que ele não compra?

Se sois criatura normal, tereis por vezes desejado que vos coubesse a bênção de possuir mais dos bens deste mundo. Talvez houvesse ocasiões em que necessitásseis de coisas que vos não era possível adquirir, sim, muitas vezes, por certo. E muitos de nós temos perdido bastante tempo a sonhar com as alegrias e prazeres que poderíamos gozar, se tão somente possuíssemos tanto dinheiro como o Sr. Fulano, ou Sicrano.

Se ao menos tivéssemos alguns milhões de escudos! Estaríamos satisfeitos com isso. Duvidamos, porém, que exista um rico que se encontre satisfeito com seus "alguns milhões de escudos". Parece-lhe que só o ficaria se conseguisse acumular o duplo dessa fortuna. Mas, se tivéssemos o duplo desses milhões, construiríamos imediatamente um elegante e moderno palacete, com a indispensável garage ao lado. Nossa mesa apresentaria um número extraordinário de iguarias, e nosso guarda-roupa estaria repleto de ricas vestimentas. À semelhança do rico de que falam as Escrituras, diríamos: "Farei isto: derribarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens; e direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come, bebe, e folga."

E nesses sonhos acordados imaginamo-nos sempre generosos, filantropos. Alimentamos e vestimos o pobre, edificamos casas para os órfãos, e ajudamos as viúvas em suas necessidades e aflições.

O dinheiro vem e tem a palavra. E fala muitas vezes tão alto, que

abafa a voz da consciência. "Ele faz girar as rodas", dizemos, e fá-lo por vezes tão rapidamente que nos esquecemos de que vamos a caminho da eternidade e de que temos um dever para com Deus e para com os nossos semelhantes.

Não se Compram Amigos

O dinheiro abre as portas da alta sociedade. Introduce seu possuidor na elite social. O filho pródigo possuía inúmeros amigos enquanto lhe duraram os bens, mas quando estes desapareceram, os supostos amigos o abandonaram. O dinheiro não compra amigos. Amigos que se obtêm com dinheiro não são amigos nossos, mas do nosso dinheiro, e quando este se esvai eles se dissipam. Quem poderá avaliar devidamente um amigo que se põe ao nosso lado em tempos de prova, dificuldades e aflições? Quanto dardéis por vossos amigos, aqueles que vos conhecem bem e todavia vos amam da mesma maneira? O ouro vos grangeará companheiros, mas não comprará amigos, pois amigos não se compram — eles não se acham à venda. Assim, ainda que sejais pobre em escudos, ou em casas e terras, mercadorias ou acções, podeis ser ricos, muito ricos mesmo, em amigos leais, sinceros e dedicados.

A Felicidade

O dinheiro não compra a felicidade. Desde o nascer até o pôr do Sol anda o povo a gastar rios de dinheiro em busca da felicidade. Edificamos moradias elegantes, adquirimos automóveis de luxo, pensando que essas coisas nos trarão esse desejado estado. Dispendemos nosso dinheiro em longas viagens, esperando que em qualquer clima

estrangeiro encontremos alegria e satisfação. Encomendamos custosas vestes de Paris e Nova York, julgando que elas nos venham trazer mais contentamento. Pesquisam-se os mercados do mundo, a fim de satisfazer nosso exigente apetite, todavia, não nos sentimos satisfeitos. Se no mundo houvesse um mercado onde se vendesse a felicidade, seria, de certo, o mais movimentado lugar da Terra.

CARLOS L. PADDOCK

Existe apenas um único modo de adquirir a felicidade por meio do dinheiro, e esse é gastá-lo em benefício de outros.

A felicidade, no entanto, se encontra ao alcance de todos, tanto dos ricos como dos pobres. Há muito lar feliz na Terra, mas não foi o dinheiro que assim os tornou. Quão reconhecidos não deveríamos ser por nos ser concedida essa faculdade de, embora pobres, conseguirmos contentamento e felicidade!

O dinheiro não compra a saúde. Como uma das mais ricas bênçãos da vida, é ela proporcionada àquelles que vivem uma vida simples, em harmonia com as leis da Natureza. Muitos milionários que perderam a saúde num viver dissipado, sem consideração para com as leis naturais, dariam de bom grado tudo quanto possuem para ter um sono profundo à noite, e sentir prazer nas suas refeições. Felizmente, a vida do homem pobre tende mais para a saúde do que a do rico ocioso. O ouro do rico lhe proporciona exactamente as coisas que lhe minam e destroem a saúde.

Podeis comprar pílulas e remédios de todas as espécies nas drogarias, mas não se vende aí a saúde. Nossos hospitais e sanatórios regurgitam. A doença e o sofrimento se encontram por todas as partes. A estreita obediência às leis da Natureza traz a saúde e suas bênçãos, mas o ouro e as notas do banco não as podem comprar.

O dinheiro não compra o amor. Conhecemos muitos que se casam por dinheiro, hoje em dia. Uma jovem de dezasseis anos é capaz

(Continua na pág. 14)

A origem da vida

A. CASACA

É um tema sempre novo e sempre renovado que se tem arrastado através da História, preocupando a todos, sábios e ignorantes, crentes e descrentes, «tanto o sapateiro como o chanceler». É raro o mês em que não aparece a notícia de que este ou aquele sábio — por vezes nomes desconhecidos — proclama com visos de certeza inabalável, que descobriu a origem da vida, entendendo-se, sempre, por tal origem, as simples forças físico-químicas da matéria, com a exclusão de qualquer intervenção superior.

No fundo, infelizmente, este, como tantos outros problemas do mesmo jaez, é um verdadeiro problema da ordem e características religiosas. Tudo se resume a bem poucas palavras: a negação de Deus. O homem no seu desmedido orgulho pretende negar a existência de Deus, porque supõe explicar o Universo servindo-se, apenas, das forças brutas da matéria.

A última notícia atinente à origem da vida correu célere através da imprensa mundial de acordo com a declaração do director do Laboratório de Reanimação de Organismos, que disse: «É tempo de lançar uma ofensiva conjunta contra a morte. O nosso objectivo é restituir a vida ao cérebro humano mesmo depois de alterado pela morte de forma aparentemente irremediável».

O director do citado Laboratório, célebre pelos seus trabalhos de reanimação, havia efectuado, há três semanas, perante os representantes da Imprensa, uma experiência de reanimação de um cão, depois de este ter estado clinicamente morto durante quatro minutos.

O mesmo cientista acrescentou: «A utilização do frio durante o período de reanimação pode permitir a revivificação de um cérebro, mesmo gravemente afectado. Temos, portanto, de prosseguir nas nossas investigações. Só então o método de hibernação no decorrer da reanimação poderá ser largamente utilizado nos estabelecimen-

tos hospitalares.» O mesmo Professor acrescentou que a massagem indirecta do coração e a respiração artificial podem ser praticadas por não-especialistas e são úteis, «porque embora não ponham de novo o coração a funcionar provocam a circulação do sangue no organismo facilitando o ulterior trabalho do cirurgião.

Sabemos, tanto pela razão, como também pela fé, que a vida — esse sublime dom divino — só pode provir de outro ser vivo e, em última análise, de Deus.

«Uma vida misteriosa invade toda a natureza — vida que sustenta os inumeráveis mundos através de toda a imensidade. Encontra-se ela no insecto microscópico que flutua na brisa de Verão; é ela que dirige o voo das andorinhas e alimenta as pipilantes avezinhas de rapina; é ela que faz com que os botões floresçam e as flores frutifiquem.

O mesmo poder que mantém a natureza, opera também no homem. As mesmas grandes leis que guiam tanto a estrela como o átomo, dirigem a vida humana. As leis que presidem à acção do coração, regulando o fluxo da corrente da vida no corpo, são as leis da Inteligência Omnipotente, as quais presidem às funções da alma. D'Ele procede toda a vida. Para todas as coisas da sua criação, a condição é a mesma: uma vida que se mantém pela recepção da vida de Deus, uma vida exercida de acordo com a vontade do Criador.» (*Educação*, pág. 99).

Já passou a época em que se proclamava aos quatro ventos com foros de ciência altissonante, a famosa «geração espontânea». Depois das famosas experiências de Pasteur ficou assente que é impossível a geração espontânea e assentou-se, como uma espécie de dogma científico que «toda a vida procede da vida», de acordo com o velho aforismo: «*omne vivum ex vivo*».

As declarações acima citadas do sábio director do Laboratório de Reanimação de Organismos não invalidam de modo algum o grande

inconcusso princípio de que «o ser vivo procede de outro ser vivo». A ciência tem como ponto indiscutível que o grande e único sinal certo de morte é a decomposição. Portanto, adentro de um período, mais ou menos longo — decerto relativamente curto — a denominada *morte aparente* pode ser seguida de uma reanimação, conforme já se tem feito. Note-se, porém, que nem se trata de principiar a vida, nem tão pouco de se seguir a vida a uma morte real. Quanto muito, trata-se de uma *morte aparente* seguida, depois, de um retorno à vida, por assim dizer.

A vida provém de Deus, em quem se encontra em grau infinito, pois é a própria Vida.

Já o salmista exclamava repleto de amor: «em Deus está o manancial da vida» (Samo. 36:9). Não só é Deus o originador de todas as coisas, mas é a vida de tudo o que vive. É a sua vida que recebemos na luz solar, no ar puro e agradável, no alimento que constrói o nosso corpo e nos sustenta a força. É pela sua vida que existimos, hora após hora, momento após momento. A menos que estejamos pervertidos pelo pecado, todos os seus dons tendem a dar vida, saúde e alegria.» (*Educação*, pág. 197 e 198).

O Discípulo amado diz claramente que a vida está em Jesus, quando escreve no seu evangelho 1:4 «N'Ele estava a vida».

Os homens negam que a vida procede de Deus porque querem viver longe da vida divina. Se vissem a vida divina, isto é a vida como Deus quer que vivam, não diriam que a vida provém da matéria bruta, inorgânica.

A vida provém de Deus, como de resto, tudo provém d'Ele, excepto o pecado.

Firmes, sempre, na Palavra de Deus, não serão as vãs e loucas doutrinas dos homens que poderão abalar a nossa fé, porque sabemos «em Quem temos crido».

Honra e glória imortal ao Senhor nosso Deus, Criador dos céus e da terra, a Quem devemos a nossa vida, tudo o que somos e temos, assim como a dádiva inefável da nossa salvação, na Pessoa adorável de nosso Senhor Jesus Cristo, a Quem sejam dadas honra e louvores para todo o sempre.

SAUDAÇÃO AOS IRMÃOS PORTUGUESES

FOI nosso privilégio, de minha esposa e eu, visitarmos Portugal por três dias. A cortezia do vosso presidente de União, pastor Casaca, nos levou desde Lisboa até ao Porto, dando-nos assim uma ideia do que é este histórico e lindo Portugal.

Realmente, conhecer mais alguns Irmãos nesta terra é algo que para mim tem muito valor. Sempre que visito uma nova igreja e conheço novos Irmãos sinto grande alegria e lembro-me daquele dia quando estaremos todos juntos na nova terra, recordando-nos dos momentos de comunhão e fraternidade cristãs que nos uniram nesta terra.

Nossa visita às igrejas de Canelas e Porto me foi uma inspiração. Como todos sabem Portugal é a Pátria-Mãe do Brasil e, como brasileiro e bisneto de portugueses de Trás-os-Montes por parte de mãe, por isso há muitas afinidades entre todos nós. Conheci, portanto, os ancestrais daqueles que mourejam lá no Brasil, com a mesma fé, a mesma esperança na volta de Jesus e trabalhando para a terminação do trabalho do Senhor nesta terra.

Sempre foi meu sonho visitar a terra de meus avós e agora este sonho se realizou. Sou grato ao Senhor por este privilégio e espero que Deus abençoe mui ricamente esta terra de Camões e os seus filhos fiéis e que estão lutando por conseguirem a vida eterna. O zelo e fidelidade de nossos Irmãos de Canelas e Porto, o lindo templo que estão construindo ali, são um testemunho do seu amor à Causa do Senhor.

Estamos vivendo nos dias mais solenes da história deste mundo. Os acontecimentos precursores do fim do mundo estão-se avolumando dia a dia. Sentimos que esta civilização que se agiganta também corre célere para a sua destruição. Mas nós não seremos destruídos pela voracidade dos elementos que trarão o fim, pois temos uma mensagem e uma esperança. Para nós, filhos de Deus, há uma

recompensa, que é a vida eterna. Portanto, disse João no Apocalipse: «Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida» (Apoc. 2:10).

Que dia maravilhoso será quando nos encontrarmos face a face com Jesus, ouvir Sua voz, Suas palavras nos chamando donde estivermos o Seu convite «vinde benditos de Meu Pai; possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo». Então, entraremos na posse da nova terra,

Testemunho convicente

NARRA Stuart Holden: «Há alguns anos estive no Egípto, realizando algumas reuniões para os soldados. Uma noite tive uma palestra com um sargento, que se tornara uma brilhante luz em favor de Cristo. Perguntei-lhe:

— Como foi que o senhor encontrou a Jesus?

Respondeu: — Em nossa companhia há um soldado que se converteu em Malta, antes de vir o regimento para o Egípto. Nós outros lhe tornávamos amarga a vida.

Certa noite voltava ele de render guarda, molhado e morto de cansaço. Antes, porém, de se deitar, ajoelhou-se para orar. Minhas botas estavam molhadas e cheias de lama; atirei-lhe as duas em cima, uma de cada lado. Ele, porém, não interrompeu sua oração. Na manhã seguinte encontrei minhas botas limpas e engraxadas, junto de minha cama. Essa foi sua resposta à minha brutalidade. Era demais! Isso quebrou-me a má vontade e os maus desígnios. No mesmo dia Deus me falou — não o posso compreender! — e eu me volvi a Ele. Agora creio que Jesus Cristo é o Salvador do mundo. Ele me deu alegria de viver!» — *Kraft und Licht*, 24-2-63.

linda e eterna, sem dores, pecado ou morte.

Ao viajar pelas ótimas estradas portuguesas, sempre arborizadas, atravessando campos cultivados, jardins floridos e cidades encantadoras pensei que, Portugal é em si mesmo um jardim. Mas, quanto mais bela será a terra renovada com a sua capital, a nova Jerusalém? E ali será a nossa morada, a nossa habitação. Aqui nesta terra ainda temos muitas preocupações e tribulações apesar das coisas lindas e boas que temos. Mas no céu não haverá nada de mal e errado; tudo será perfeito. Eu desejo estar lá! E tu, meu querido Irmão de Portugal? Espero encontrá-lo lá se não nos encontrarmos mais nesta terra. Se não tivermos o privilégio de conhecer-nos nestes três dias que passamos na vossa boa terra, conhecer-nos-emos quando juntos estivermos tocando as harpas da vitória sobre o pecado num hino de louvor ao Criador e ao Cordeiro.

Minhas saudações e de minha esposa a todos vós. Carrego comigo também as saudações dos 140 000 adventistas da Divisão Sul Americana, onde moramos e trabalhamos. Os 80 000 adventistas do Brasil vos saúdam também por meu intermédio.

Nossos agradecimentos ao pastor Casaca, ao jovem obreiro Daniel Cordas que foi nosso cicerone em Lisboa e nos acompanhou até ao último momento; ao pastor Eliseu Miranda e sua esposa e filhos pela hospedagem e o delicioso almoço que nos deram, ao pastor Baião por nos acompanhar na igreja do Porto e nos levar tão rapidamente a Espinho; nossos agradecimentos aos irmãos de Canelas e Porto pela atenção de que fomos alvos quando lhes deixamos a mensagem no Sábado de manhã e a todos os adventistas de Portugal.

Que Deus vos guarde até nos encontrarmos.

Vosso irmão em Cristo

M. S. NIGRI

O Problema da harmonia dos Evangelhos

D. CORDAS

Os três primeiros evangelhos, são de há muito, motivo de um importante e difícil problema.

Estes evangelhos «têm um mesmo plano, apresentam de um modo geral uma mesma escolha de episódios e relatam na maior parte das vezes os mesmos actos e palavras do Senhor empregando fórmulas similares, por vezes mesmo idênticas.» (1).

É a simultaneidade deste acordo geral e das divergências de detalhe que constitue o «problema sinóptico».

Na realidade, os três primeiros evangelhos, são chamados «sinópticos».

Esta palavra vem do facto, que colocados lado a lado, os três evangelhos oferecem-nos uma vista geral (2).

Desde longa data que este problema preocupa teólogos e críticos.

Na antiguidade e na Idade Média, ninguém se preocupou com o «problema sinóptico», como um problema de ordem literária. Contentaram-se em harmonizar os evangelhos e atenuar as suas divergências. Merece especial referência Taciano (c. 170), que reuniu os quatro evangelhos e eliminando as repetições constituiu um único relato.

Mas foi S. Agostinho, quem primeiro viu o problema sob o ponto de vista literário. Viu que os evangelhos dependiam uns dos outros, afirmando que Marcos condensara o que Mateus tinha escrito. Esta opinião subsistiu até à Reforma.

É no entanto no decorrer do século XVIII que este problema começa a tomar vulto e a ser analisado essencialmente como um problema de ordem literária. Aparece então uma multidão de personagens, que começam a introduzir as mais variadas teorias, numa tentativa de explicação do «problema sinóptico». Especialmente Richard Simon, Lessing, Storr, etc.

No século XIX, muitos outros críticos continuaram a introduzir mais teorias. Merecem referência, Eichhorn, Gieseler, Schleiermacher e Weisse.

A partir do início do século XIX até aos nossos dias, mas em particular na segunda metade do século passado, tem aparecido um número quase astronómico de hipóteses e variantes numa tentativa de explicação. Não as mencionamos, pois são tantas que difícil seria condensá-las.

Vejamos no entanto as teorias mais conhecidas e que contam maior número de adeptos para finalmente tentarmos chegar a uma tentativa de solução:

Teoria da Dependência Mútua

(Ou hipótese do emprego recíproco)

Esta teoria é tão velha como S. Agostinho, mas foi muitas vezes retomada, renovada, por sábios de grande reputação na história da crítica.

Supõe que os evangelhos mais recentes utilizaram os escritos anteriores. Por isso ela reveste várias formas segundo a ordem admitida para a composição dos sinópticos.

Até aqui os sábios estão de acordo, mas quando se trata de saber qual é o primeiro, é uma desordem completa. Existe por isso um número infinito de variantes desta teoria.

Godet, na sua Introdução ao Novo Testamento, depois de ter examinado minuciosamente a teoria da Dependência Mútua, diz: «Por enquanto, cremos poder concluir deste longo estudo que nenhum dos evangelistas se serviu dos escritos de outro, e conseqüentemente as semelhanças existentes entre eles devem ser explicadas de outra maneira qualquer (3).

Entretanto, esta teoria tem uma certa importância pois é a posição de grande parte dos exegetas católicos, tais como: Reni, Lagrange,

Vosté, Simon, etc. É a teoria mais utilizada pelos autores católicos.

Depois de termos visto a complexidade desta teoria que está pouco mais ou menos abandonada, vejamos a seguinte:

O Evangelho Primitivo

Esta teoria pretende que os três evangelhos sinópticos tenham consultado um evangelho primitivo que provavelmente teria desaparecido.

Ela está fundada num texto de Papias que chegou até nós pelo historiador Eusébio.

A língua deste evangelho primitivo seria, segundo as teorias, o grego, ou o aramaico. As variantes entre Mateus, Marcos e Lucas seriam portanto devidas ao facto destes evangelistas terem feito desse documento, traduções independentes.

Esta idéia de um evangelho primitivo, encontra no entanto alguns sérios obstáculos:

a) Como explicar, se este evangelho era tão completo como se pretende, que se não tenha conservado na tradição eclesiástica a recordação de um documento tão importante? (4)

b) Se o «evangelho primitivo» era escrito em aramaico, como explicar as surpreendentes semelhanças de palavras dos nossos evangelhos canónicos gregos?

Se era grego, porque razão essas semelhanças não são mais frequentes, sobretudo nos pontos de uma certa importância (5).

c) Se esta teoria se presta para explicar os motivos análogos ou semelhantes, é contudo incapaz de explicar os novos elementos, as intervenções ou supressões que interrompem aqui e ali a sinopse.

Esta teoria é portanto incompleta. Encontra algumas sérias dificuldades.

A Tradição Oral

Esta teoria foi vulgarizada por Giesler no começo do século XIX.

Os seus defensores afirmam: os apóstolos repetiram tanta vez a história de Jesus, que esta história tomou uma forma estereotipada. Todos contavam a história da mesma maneira, conservando um esquema idêntico.

Na ocasião da redacção os apóstolos teriam seguido o mesmo esquema com poucas divergências.

Os defensores desta hipótese, baseiam-se em vários pontos:

- a) Lendo o prólogo do evangelho de S. Lucas, vemos que esta tradição oral existiu realmente ⁽⁶⁾.
- b) A memória desempenhava um papel importante na educação rabínica e de uma maneira geral na educação oriental.
- c) Os primeiros Pais da igreja, confirmam a existência desta tradição oral.

De todas as teorias, a mais séria e a que tem mais de verdade, é certamente esta. Contudo ela encontra alguns obstáculos:

- a) O prólogo de S. Lucas embora deixe ver a existência de uma tradição oral, apresenta também a existência de vários documentos escritos e é pouco provável que os evangelistas os não tenham consultado.
- b) Por outro lado, convém acrescentar «que os evangelhos foram redigidos por homens que não tinham exclusivamente... a educação de estilo oral ⁽⁷⁾.
- c) Se esta tradição tinha tomado a rigidez que se lhe atribui desde as suas origens, como explicar que a semelhança não seja mais acentuada entre os sinópticos, sobretudo nos acontecimentos importantes como a Ressurreição?

É sem dúvida uma das hipóteses mais sérias, mas como vemos, não

pode tudo explicar. Deixa vários problemas em suspenso.

Sem dúvida o evangelho foi pregado antes de ser escrito e certamente os apóstolos fixaram um esquema geral para as suas pregações, esquema que julgamos pouco rígido no que diz respeito ao detalhe. Assim esta hipótese explica de uma maneira geral as semelhanças de fundo, mas é incapaz de justificar plenamente as coincidências verbais, muito numerosas para serem unicamente devidas ao acaso.

Os documentos múltiplos

Schleiermacher (1817), coloca na origem dos evangelhos um grande número de documentos.

Esta hipótese também se apoia no prólogo do evangelho de S. Lucas.

Os primeiros fiéis, cheios de admiração pelo Mestre cujas palavras os tinham fascinado, redigiam em pequenos manuscritos o que podiam saber da vida ou dos ensinamentos de Jesus.

«Pequenos escritos sem ordem, muitas vezes bastante diferentes uns dos outros, teriam formado a base comum, sobre a qual trabalharam os três evangelistas» ⁽⁸⁾.

Esta teoria foi retomada nos nossos dias e ao mesmo tempo revitalizada pela crítica racionalista (Formgeschichtliche Schule).

Tomada tal qual é, e desprovida de todos os exageros de crítica racionalista, esta hipótese não pode ser rejeitada *a priori*. Contudo, algumas reservas se impõem:

- a) «Seja qual for o valor que se atribua à hipótese documentária, é certo que sistemas que multiplicam quase indefinidamente os documentos, não respondem à realidade dos factos. Como imaginar escritores consultando ora aqui ora ali, tirando a este uma expressão, ao outro um detalhe e produzir finalmente um relato ordenado e lógico, cuja língua é a mesma de uma à outra extremidade e cujos

caracteres históricos, doutrinários, são sempre idênticos? ⁽⁹⁾»

- b) Esta hipótese, tomada isoladamente, não nos pode explicar o acordo existente entre os sinópticos, na escolha e agrupamento dos textos que utilizaram ⁽¹⁰⁾.

Entretanto esta hipótese contém certamente um pouco de verdade.

Godet afirma: «Entretanto a ideia que está na base desta hipótese não deve ser inteiramente rejeitada» ⁽¹¹⁾.

Os dois documentos

Segundo esta hipótese, dois documentos escritos estariam na origem dos sinópticos:

- a) A Logia de S. Mateus, designada pela letra «Q»;
- b) O *Proto-Marcos* ou *Urmarkus*.

Um teria sido utilizado para os acontecimentos (Proto-Marcos), e o outro para a parte descritiva (a Logia). Estes documentos teriam dado origem a S. Mateus e S. Lucas.

Sobre o segundo documento, os sábios estão longe de estar de acordo. Para uns é o *Urmarkus* ou *Proto-Marcos* e para os outros é o próprio evangelho segundo S. Marcos, que nós hoje possuímos.

Esta hipótese encontra alguns obstáculos:

- a) Esta teoria pretende apoiar-se sobre o testemunho de Papias, num texto que nos é relatado por Eusébio. Mas se examinarmos bem esse texto, não encontramos aí nada que lhe possa servir de base ⁽¹²⁾.
- b) Esta teoria está fundada na ideia do «desenvolvimento», que não pode ser provada. Todas as coisas vão do simples para o complexo, era a teoria mais em voga no século XVIII.

- c) Este documento «Q», é uma simples hipótese, é um puro fruto da imaginação dos sábios alemães.
- d) Podíamos ainda mencionar que esta teoria é inconciliável com os testemunhos mais autorizados da tradição.

A Hipótese das formas (Formgeschichte methode)

É a solução mais recente. Foi introduzida em 1919 por Dibelius, um dos sábios críticos pertencente à escola da «Crítica das formas». Desde então, esta mesma teoria foi desenvolvida por Rudolf Bultmann.

É uma tentativa de analisar as «formas literárias» representadas nos evangelhos.

Os autores da teoria da «crítica das formas», sustentam que depois da crucifixão, as histórias que diziam respeito a Jesus Cristo foram conservadas totalmente e que a igreja conservava o que melhor lhe convinha. É por esta razão que se formaram vários géneros literários: parábolas, descrições de milagres, um ponto particular do ensino e a história da paixão. Estes géneros literários espalharam-se e atingiram uma forma mais ou menos fixa. Os evangelistas não teriam sido senão simples compiladores, que procuraram acontecimentos relacionados com um *suposto* Jesus e os compilaram. Segundo os defensores da «crítica das formas», isto explica as semelhanças e as diferenças dos evangelhos sinópticos⁽¹³⁾.

Os sábios alemães, procuraram dirigir as suas investigações para o período em que se situa a origem ao fundo comum dos evangelhos. Eles procuraram estudar o período entre Jesus e a redacção dos primeiros escritos. Sobre este assunto, eis o que diz o Doutor Mac-Suttyre: «Um tal estudo exige uma franca aceitação de todos os factos históricos e uma severa exclusão de todos os que puderam ser provados não existirem senão na imaginação. Somente, o número dos acontecimentos históricos conhecidos, datando do breve período que vai da ressurreição de Cristo à aparição do mais antigo evangelho canónico, é extremamente reduzido. Consequentemente, alguns dos escritores mais radicais desta escola fizeram

uso da sua imaginação com um grande liberdade»⁽¹⁴⁾.

Nestas últimas palavras do Doutor Mac-Suttyre, vemos a percentagem de artificial que esta teoria contém. Mas além disso, não podemos aceitar esta teoria por uma razão essencial:

- a) Os que imaginaram esta teoria, eram ateus e não tinham nenhuma confiança nas Sagradas Escrituras. Eles quiseram provar que a doutrina cristã não era muito mais séria que outra qualquer doutrina filosófica.

Procuraram dividir os evangelhos em vários géneros literários:

- 1) *Legendas* — Seriam os milagres;
- 2) *Mitos* — Seriam os personagens;
- 3) *Pequenos discursos* — de Jesus introduzidos

nos evangelhos para ilustrar a filosofia trazida pelos apóstolos.

Pretendem ainda que estes discursos são de uma «veracidade relativa».

Esta «teoria das formas», ainda conta hoje muitos adeptos, mas a sua influência foi seriamente abalada por um conhecido e influente nome da arqueologia: W. Albright. Podemos dizer, que Albright lhe deu o golpe de misericórdia. É no seu livro, «Da idade da pedra à cristandade», que nos fala da «teoria das formas», nos seguintes termos: «E. Fasher assinalou que os principais dirigentes da escola não são absolutamente da mesma opinião no que diz respeito às relações entre as categorias principais da Formgeschichte e a vida da Igreja primitiva. Andam portanto num círculo vicioso⁽¹⁵⁾.

(Continua)

Baptismos realizados no primeiro e segundo trimestres de 1964

ZONA A — Alvo: 100		Alcançado: 37
1.ª Igreja (Joaquim Bonifácio)	— 18 —	
2.ª Igreja (Alvalade)	— 6 —	
3.ª Igreja (General Roçadas)	— 8 —	
Igreja do Colégio	— 0 —	
Cascais	— 2 —	
Amadora	— 3 —	
ZONA B — Alvo: 80		Alcançado: 36
Porto	— 11 —	
Oliveira do Douro	— 8 —	
Ávintes	— 4 —	
Canelas	— —	
Espinho	— —	
Viseu	— 5 —	
Coimbra	— 8 —	
F. da Foz	— —	
ZONA C — Alvo: 70		Alcançado: 39
Tomar	— 13 —	
Portalegre	— 8 —	
Comenda	— —	
R. de Nisa	— 1 —	
S. Julião	— —	
Setúbal	— —	
C. Piedade	— 6 —	
Barreiro	— 10 —	
Seixal	— —	
Faro	— 1 —	
Vila Real de Santo António	— —	
CONFERÊNCIA	— Alvo: 250	Alcançado: 112
MADEIRA	— Alvo: 22	Alcançado: 13
AÇORES	— Alvo: 25	Alcançado: 31
CABO VERDE	— Alvo: 43	Alcançado: 11
UNIÃO	— Alvo: 340	Alcançado: 167

UM pequeno substantivo de seis letras e três sílabas ESCOLA e que hoje enche vastas prateleiras de vastas bibliotecas com todos os conhecimentos que lhe dizem respeito. E é tão antiga, a Escola, como o homem, pois que a primeira Escola funcionou, precisamente, no Eden, sob a indicação amorosa de Deus.

«O método de educação instituído no princípio do mundo deveria ser para o homem modelo durante todo o tempo subsequente. Como ilustração dos seus princípios, foi estabelecida uma escola-modelo no Eden, o lar dos nossos primeiros pais. O jardim do Eden era a sala das aulas; a natureza era o compêndio; o próprio Criador era o professor; e os pais da família humana eram os alunos». (*Educação*, pág. 20).

Numa Escola tão perfeita e tão proficientemente apetrechada, era natural que os alunos aproveitassem cem por cento dos seus ensinamentos.

Assim foi, durante algum tempo. «Em Seu interesse, em prol dos Seus filhos, o nosso Pai celestial dirigia pessoalmente a sua educação. Muitas vezes eram eles visitados por Seus mensageiros, os santos anjos, e deles recebiam conselho e instrução. Outras vezes, caminhando pelo jardim com a fresca do dia, ouviam a voz de Deus, e face a face entretinham comunhão com o Eterno. Os Seus pensamentos em relação a eles eram «pensamentos de paz e não de mal» (Jeremias 29:11). Todo o Seu propósito visava o maior bem deles». (*Educação*, pág. 21).

Mas o homem que havia sido criado dotado de liberdade, podia escolher, optar entre duas coisas, entre duas acções, não só igualmente boas, como também entre o bem e o mal.

E foi assim que servindo-se do livre arbítrio, abusando do grande privilégio da liberdade, escolheu o mal, transgredindo as determinações divinas.

E as consequências não se fizeram esperar: a expulsão do paraíso terreal, as enfermidades, as dores, a rebelião da natureza, e, finalmente, a morte.

Deus, porém, na Sua infinita misericórdia havia providenciado

A ESCOLA

A. C.

o plano da Redenção, à custa da vida preciosíssima de Seu divino Filho.

Bem sabemos como o Senhor nosso Deus preparou um povo especial — o Seu povo — para que preparasse o resto da humanidade a receber o Messias, quando viesse, pela primeira vez, a este Mundo, realizar a obra da Salvação.

Os Israelitas tiveram, sempre, as suas escolas, desde as primeiras, — a escola familiar — até às escolas dos patriarcas e dos profetas, destinadas, precisamente, a ministrar aos jovens hebreus os conhecimentos necessários e indispensáveis para poderem desempenhar a missão para a qual Deus os havia escolhido.

«Todas as vezes que em Israel foi posto em prática o plano divino de educação, os seus resultados testificaram do Seu Autor. Mas em muitíssimos lares o ensino designado pelo Céu bem como os caracteres por ele desenvolvidos, eram igualmente raros. O plano de Deus não se cumpriu senão parcial e imperfeitamente...

Conforme o grau de ensino que se pretende ministrar, assim se classifica a respectiva Escola, desde a primária até à superior. Acarinhar e fomentar os vários graus de ensino é um dos objectivos da civilização. Por isso também a mesma Igreja toma a peito, com o maior cuidado, o problema educacional, pois é a base da formação da verdadeira sociedade. Não é, pois, de admirar que a Igreja abra as suas escolas dentro dos moldes da sua orgânica, nas quais procura preparar os jovens tanto para a pátria terrena como para a celestial.

Sempre que qualquer denominação religiosa possa dispor de influência social ampliada pela protecção estadual, assiste-se a um grande incremento da escola nas suas várias modalidades, desde a primária à superiora. Deste modo abre escolas primárias, organiza colégios-liceus e funda universidades; numa palavra, procura estender ao máximo a influência que inegavelmente exerce através da Escola.

Sabemos pela Mensageira do Senhor do cuidado com que os profetas tratavam as suas escolas. «Desde os primeiros tempos, os profetas eram reconhecidos como ensinadores divinamente designados. Na mais alta acepção da palavra, o profeta era alguém que falava por directa inspiração, comunicando ao povo as mensagens que recebera de Deus. Mas esse nome também era dado aqueles que, embora não fossem directamente inspirados, eram divinamente chamados para instruir o povo nas palavras e caminhos de Deus. Para a preparação de tal classe de ensinadores, Samuel, pela direcção do Senhor, estabeleceu as escolas dos profetas. Estas escolas destinavam-se a servir como uma barreira contra a corrupção prevalecente, afim de prover à necessidade intelectual e espiritual da juventude, e promover a prosperidade da nação, dotando-a de homens habilitados para agir no temor de Deus como dirigentes e conselheiros. Para tal fim, Samuel reuniu grupos de moços piedosos, inteligentes e estudiosos. Foram eles chamados os filhos dos profetas... Os alunos destas escolas mantinham-se com o seu próprio trabalho de cultivar o solo, ou com alguma ocupação mecânica». (*Educação*, pág. 45 e 46).

Assim são ainda os moldes das nossas escolas denominacionais moralmente as que se destinam a preparar os nossos jovens para o ministério.

Cada vez sentimos mais premente a necessidade de possuímos a nossa Escola, onde os nossos jovens possam preparar-se devidamente para o serviço do Senhor.

É este o grande objectivo da União Portuguesa, secundada, igualmente, nos seus desejos pela boa vontade dos nossos Irmãos da Divisão e da Conferência Geral.

Queira Deus que dentro em breve a nossa Escola seja uma realidade com as bênçãos de Deus para o seu santo e divino serviço de preparar os jovens para o ministério.

(Continuação da pág. 5)

fé». Magnetizada por sua silenciosa importância, nesse momento tive poder para escolher. De joelhos prometi a Deus que daquele momento em diante minha vida seria dedicada a Ele. A oração começou a brotar como uma fonte de meus lábios: «Senhor, põe a Tua mão sobre mim e conduz-me! Farei tudo que estiver em minhas forças para servir-Te, Senhor, não a minha vontade, mas a Tua...»

Passara minha tremenda luta. O espírito perturbado e rebelde foi dominado. Uma misteriosa calma substitui a confusão. Pela primeira noite em meses e anos dormi profundamente.

A maioria de meus associados foi avisada no dia seguinte. Ainda que alguns tenham dito: «É um caso mental; ela precisa ir a um psiquiatra», nunca vacilei. O psiquiatra foi um dos primeiros a mostrar-me que eu nunca seria feliz enquanto não escolhesse o caminho de volta a Deus.

O louvor de famosos repórteres, notáveis actores e atrizes, chegou a mim, e creio que eles são ainda

meus amigos. Sou muito grata por toda a palavra de bondade dita a mim, mas minha alegria é ser escolhida para servir a Deus. Os falsos símbolos do êxito, que o dinheiro pode comprar, significam menos do que nada para mim. É a minha paz de espírito que tem mais importância agora.

Por que conto esta história?

Sei que, marchando para aquilo que chamamos «êxito», somos de ambições insaciáveis. Quando, porém, meus pensamentos se voltam para a vida plena, sei que recebi através do fogo e da experiência um profundo senso do Seu poder, um vislumbre do suave caminho em que Ele modela uma alma. Sinto Sua mão forte em minha vida.

O Deus que agora conheço é um Deus de bondade e sabedoria, de esperança e benignidade, de prova e confiança. Ele é, acima de tudo, um Deus de infinita misericórdia e amor. Sei, por minha última e pessoal procura da fé, que todo coração estará sempre inquieto enquanto não descansar em Deus.

(Continuação da pág. 7)

de unir-se a um velho de sessenta, não por que o ama, mas porque ele é rico.

A maioria de entre nós já experimentou o amor, e espero que não tenhamos perdido esse primeiro amor. A genuína afeição de uma mulher bela e pura não se pode obter com ouro ou prata. O amor sincero de um homem nobre o dinheiro não compra. O amor, as afeições, os carinhos e sorrisos de uma inocente e meiga criancinha jamais se vendem.

A despeito da nossa posição na vida, a todos nos foi dada a faculdade de amar e a aspiração de ser amados.

Deus é a origem e a encarnação do verdadeiro amor. Não poderéis comprar o carácter. Há homens que dispendem milhares de escudos para adquirir um nome, uma reputação. Podemos comprar nome e reputação, sim, mas não nos é dado adquirir pelo dinheiro um carácter. Entretanto, todos nós podemos possuir um carácter impecável, imaculado.

(Continua na pág. 16)

«E O DRAGÃO IROU-SE CONTRA A MULHER...»

(Continuação da pág. 6)

Teu nome? e em Teu nome não expulsámos os demónios? e em Teu nome não fizemos muitas maravilhas?» A resposta de nosso Salvador será: «Nunca vos conheci: apartai-vos vós os que praticais a iniquidade».⁽¹⁹⁾

A fim de não sermos induzidos ao erro Deus deu-nos uma regra segura a observar: «Por seus frutos os conhecereis»,⁽²⁰⁾ disse Cristo. O profeta Isaías exorta-nos: «à Lei e ao Testemunho, se não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva».⁽²¹⁾ É pela Lei de Deus e pela Sua Palavra que devemos aferir toda a doutrina ou religião. Referindo-se à Lei moral, Cristo disse: «Qualquer pois que violar um destes mais pequenos mandamentos e assim ensinar aos homens será chamado o menor no Reino dos Céus»⁽²²⁾. Os homens hoje, com a capa de grande santidade, preten-

dem ensinar a Lei de Deus, mas apresentam um «sábado espúrio» como se o quarto mandamento não fosse essencial e não fizesse parte integrante do carácter de Deus. A este respeito diz a serva do Senhor: — «A questão do Sábado vai ser o ponto controverso no grande conflito em que todo o mundo há-de ser envolvido. Os homens têm exaltado os princípios do diabo acima dos princípios de Deus. Eles aceitaram o Sábado espúrio que Satanás instituiu como sinal da sua autoridade. Entretanto Deus tem imprimido o Seu selo AO SEU ESTABUTO REAL».⁽²³⁾ Se o Sábado não fosse um mandamento que fizesse parte essencial do carácter de Deus, Deus que não é amigo de guerras nem de lutas, facilmente ordenaria que se observasse em Sua honra um outro dia que fosse mais favorável à humanidade uma vez

que não havia quebra de nenhum princípio eterno. Mas sendo a Sua Lei «a expressão do Seu carácter», seria «mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da lei».⁽²⁴⁾

Graças a Deus a vitória é prometida a todos aqueles que combaterem firmemente o bom combate cristão e que fortalecidos na graça de Jesus fazem da Bíblia o seu guia. Sejamos nós dos tais!

A. OLIVEIRA

Referências: (1) Núm. 22:35; (2) Núm. 23:9,21,23, etc.; (3) 1 Cor. 10:11; (4) Apoc. 12:17; (5) Apoc. 13:14; (6) 2 Cor. 11:14; (7) 2 Cor. 2:11; (8) Exod. 7:11; (9) Exod. 7:12; (10) 2 Tim. 3:8; (11) 1 Tim. 4:1; 2 Tess. 2:9; (12) 2 Tess. 2:9; (13) S. João 8:44; (14) Gen. 3:5; (15) Gen. 3:4; (16) 1 Tim. 6:16; (17) Ecl. 9:5; (18) 1 Tess. 4:16; (19) S. Mat. 7:22,23; (20) S. Mat. 7:16; (21) Isa. 8:20; (22) S. Mat. 5:19; (23) Testemunhos para a Igreja, pág. 121; (24) S. Luc. 16:17.

Nosso Senhor e Salvador reúne em si muitos e mui importantes títulos: Filho de Deus, Redentor, Rei, Messias... O que hoje, porém, nos interessa considerar é o título que muitos cristãos ignoram, pelo menos no que diz respeito ao seu alcance e transcendência: Trata-se da função de Jesus como Mediador: «Porque há um só Deus, e um só MEDIADOR entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.» (I Tim. 2:5).

Se considerarmos que o objectivo mais nobre do homem é o de buscar a Deus e ir até Ele, descobrimos mediante as Sagradas Escrituras que esta tarefa se simplifica graças a Jesus Cristo que é para cada alma sincera «o caminho e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.» (João 14:6).

Caminho e meio, dos quais resulta o MEDIADOR, pelo que são dois termos sinónimos, neste caso.

Desde quando é que Jesus é nosso Mediador? Tal é o assunto do presente artigo.

Na criação e conservação dos seres criados

Tão certo como ter sido a Divindade, digamos, inteira, a Autora da Criação, também o é o facto de a «Palavra», o «Verbo» haver servido de intermediário: «Porque n'Ele (em Jesus) foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra... tudo foi criado por Ele.» (Col. 1:12-16. Veja João 1:1-3; Heb. 1:2). Uma meditação séria e sincera desta função de Jesus como Mediador na Criação, explicar-nos-á com facilidade a importância do Seu papel na Redenção. Só quem cria por amor, sabe morrer por amor.

Mas a obra de Jesus não se detém neste acto criador: «e todas as coisas subsistem por Ele.» (Col. 1:17; Heb. 1:3). É necessário que o Senhor continui a pensar na sua obra-prima. Efectivamente, se o Filho de Deus deixasse no olvido o seu trabalho, ou se despreocupasse dele, a Criação voltaria ao nada. Por isso Jesus não é só Mediador na Criação, mas também na conservação das coisas criadas.

Na Redenção

Por que foi necessária a REDENÇÃO? A imutável Lei Divina havia sido transgredida, pois: «porque o pecado é a transgressão da lei» (I João 3:4) (Edição revista e actualizada no Brasil). Temos aqui o aspecto negativo do ponto de partida da Redenção.

Os homens pecaram desobedecendo ao Dador da Vida, e, como

Jesus Mediador

(ESTUDO BÍBLICO)

consequências foram alteradas a paz e harmonia que então existiam: «as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça.» Isa. 59:2). E por esta razão abriu-se um profundo abismo intransponível para os mortais e moralmente intransponível para o Eterno.

Se a culpabilidade humana cria um problema sério para os pecadores, não é menos grave o dilema que se apresenta à justiça divina. A perfeição da Lei exige a morte do pecador (Rom. 6:23), ao passo que a Misericórdia deseja salvar o pecador. A única solução viável é que «Alguém» capaz e suficiente, substitua os culpados. E quem melhor do que o seu próprio Criador? Jesus, superior à humanidade, tantas vezes quantas outras humanidades poderia criar, constituiu-se um Substituto do transgressor, e com o seu sangue precioso paga, digna e mais que suficientemente, a culpabilidade de todos e de cada um de nós.

Desta maneira, Jesus aparece aos nossos olhos, aos olhos da fé do remido, não só como Mediador na CRIAÇÃO e na CONSERVAÇÃO, mas também na REDENÇÃO.

Se analisarmos, detidamente, os passos de Gén. 3:15; João 8:56; I Cor. 10:4 e 1 Ped. 1:10, 11, chegaremos à conclusão admirável que desde o princípio do pecado, e através dos longos séculos que decor-

reram até o começo da era cristã, o Senhor Jesus preparou minuciosamente o plano da Redenção para ser compreendido pelos homens. A esperança, o culto, as leis de Israel, revelam o cuidadoso interesse de Jesus, dispondo os corações para o acontecimento mais extraordinário da História.

Chegada a plenitude dos tempos (Gál. 4:4) no relógio da Divindade, o plano da Redenção até

àquele momento envolto em símbolos e alegorias, vai desenvolver-se palpável e sublime aos olhos dos crentes e dos cépticos. No cumprimento da Redenção podem distinguir-se várias etapas:

1.^a *Incarnação*: Até então Jesus havia sido Mediador só no aspecto divino, como Filho de Deus, Verbo, Criador... Agora completá-lo-á com o seu aspecto humano: «E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigénito do Pai, cheio de graça e verdade.» (João 1:14). Deus e homem, espírito e carne, equidistante do céu e da terra, Jesus Cristo reúne agora em Si, moral e legalmente, as características do perfeito Mediador.

2.^a *O Ministério*: «Isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados...» (2 Cor. 5:19).

Esta mensagem de amor que não teria chegado até nós, sem que Jesus se fizesse homem, implica abnegados esforços da parte de Aquele que: «veio buscar e salvar o que se havia perdido.» (Lucas 19:10). E não só nos veio buscar, mas ainda mais: colocou-nos no caminho da salvação e —, se isto ainda fosse pouco — ensinou-nos através das excelências do Evangelho, a permanecermos-Lhe fiéis.

3.^a *A Morte*: O momento culminante da mediação de Jesus aproxima-se e o Gólgota será o cenário desta sublime cena que há-de constituir a mediação dos remidos por

6. Gál. 2:19. "Porque eu pela lei estou morto para a lei, para viver para Deus."

"Suprir formas externas de religião em lugar de santidade de coração e de vida, é ainda tão agradável à natureza não renovada como o foi nos dias desses ensinadores judeus. ... É dever de cada servo de Deus opor-se firme e decididamente a esses pervertedores da fé, e expor destemidamente os seus erros pela Palavra da verdade." — *Actos dos Apóstolos*, pág. 387.

7. Gál. 2:20. "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em Mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e Se entregou a Si mesmo por mim."

"Hoje, como no tempo de Cristo, a obra do reino de Deus não se acha a cargo dos que reclamam o reconhecimento e apoio dos dominadores terrestres e das leis humanas, mas dos que estão declarando ao povo, em Seu nome, as verdades espirituais que operarão, nos que a recebem, a experiência de Paulo ... Então trabalharão, como Paulo, em benefício dos homens." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 381.

8. Gál. 2:21. "Não aniquilo a graça de Deus; porque, se a justiça provém da lei, segue-se que Cristo morreu debalde."

"O esforço de alcançar a salvação pelas próprias obras leva inevitavelmente os homens a amontoar exigências como uma barreira contra o pecado. Pois, vendo que falham no observar a lei, imaginam regras e regulamentos, eles próprios, para se obrigarem a obedecer. Tudo isto desvia a mente, de Deus para si mesmos. ... A atmosfera de crítica egoísta e estreita, sufoca as nobres e generosas emoções, fazendo com que os homens se tornem egocêntricos juizes e mesquinhos espias." — *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 107.

3.^a Parte — Apelo Pessoal aos Gálatas

9. Gál. 3:1, prim.^a parte. "Ó insensatos gálatas! quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade?"

Os homens são fascinados, diz Paulo, quando desviam o olhar de Jesus como centro da vida cristã. Essa foi a base dos erros doutrinários entre os gálatas.

"O princípio pelo qual o homem se pode salvar por suas próprias obras, e que jaz na base de toda

religião pagã, tornara-se também [no tempo de Cristo] o princípio da religião judaica." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 25.

10. Gál. 3:1, seg.^a parte. "Perante os olhos de quem Jesus Cristo foi já representado como crucificado."

"Quando o enfeitiçante poder de Satanás domina uma pessoa, Deus é esquecido, e exalta-se o homem, cheio de propósitos corruptos. A licenciosidade secreta é praticada por essas almas iludidas, como uma virtude. É esta uma espécie de feitiçaria. ... Há sempre um enfeitiçante poder nas heresias e na licenciosidade." — *Test. Sel.*, Vol. 2, pág. 34.

11. Gál. 3:2. "Só quisera saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?"

"Este método de apresentar o evangelho caracterizou o trabalho do apóstolo através de seu ministério entre os gentios. Conservara sempre diante deles a cruz do Calvário. 'Não nos pregamos a nós mesmos,' declarou ele depois de anos em sua experiência, 'mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus.'" — *Actos dos Apóstolos*, pág. 209.

12. Gál. 3:3. "Sois vós insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?"

"Assim Paulo colocava os crentes da Galácia perante o tribunal de sua própria consciência e procurava detê-los em seu caminho. Confiante no poder de Deus para salvar, e recusando-se a reconhecer as doutrinas dos ensinadores apóstatas, o apóstolo buscava levar os conversos a ver que haviam sido vergonhosamente enganados, mas pelo retorno à sua própria fé no evangelho podiam ainda anular os propósitos de Satanás." — *Idem*, págs. 384 e 385.

13. Gál. 3:4. "Será em vão que tendes padecido tanto? Se é que isso também foi em vão?"

"Nas igrejas da Galácia, aberta e descaradamente estava o erro suplantando a mensagem do evangelho, Cristo, o verdadeiro fundamento da fé, fora virtualmente renunciado pelas obsoletas cerimônias do judaísmo. O apóstolo viu que para os crentes da Galácia serem salvos das perigosas influências que os ameaçavam, as mais decisivas medidas deviam ser tomadas, dadas as mais penetrantes advertências." — *Idem*.

SEJA SEMPRE A BÍBLIA VERDADEIRA

(Continuação da pág 4)

pregou que as mulheres deviam vir com a cabeça descoberta! Mas diz Oseias 4:9 assim como é o povo assim será o sacerdote (e para não fugir à regra) as irmãs começaram a vir à igreja descobertas pegou a moda, e hoje os ministros procuram argumentar que o que Paulo dizia era só para as mulheres irmãs de Corinto, por causa de não haver confusão com as mulheres más da-

quela época! Cautela! O que confessa as suas faltas achará misericórdia, mas o que as encobre nunca prosperará. Dirão: Isso é coisa sem importância, mas diz o Senhor quem não é fiel no mínimo não é fiel no máximo, e são as raposinhas que estragam a vinha do Senhor. É preciso que as mulheres adventistas se distingam facilmente na rua daquelas que o não são, mas se as

filhas de Sião se exaltam e andam de pescoço erguido, com olhares impudentes, andando como que a dançar e pensando mais na cabeça do que em Deus, então virá o dia em que o Senhor fará tihosa a sua cabeça, e tirará os seus enfeites e vestidos e os véus que usam só para a moda. Isaías 3.

Concluindo: Vede entre vós mesmas se é decente que a mulher ore ou profetize com a cabeça descoberta?

SEJA SEMPRE A BÍBLIA VERDADEIRA

(Continuação da pág 4)

pregou que as mulheres deviam vir com a cabeça descoberta! Mas diz Oseias 4:9 assim como é o povo assim será o sacerdote (e para não fugir à regra) as irmãs começaram a vir à igreja descobertas pegou a moda, e hoje os ministros procuram argumentar que o que Paulo dizia era só para as mulheres irmãs de Corinto, por causa de não haver confusão com as mulheres más da-

quela época! Cautela! O que confessa as suas faltas achará misericórdia, mas o que as encobre nunca prosperará. Dirão: Isso é coisa sem importância, mas diz o Senhor quem não é fiel no mínimo não é fiel no máximo, e são as raposinhas que estragam a vinha do Senhor. É preciso que as mulheres adventistas se distingam facilmente na rua daquelas que o não são, mas se as

filhas de Sião se exaltam e andam de pescoço erguido, com olhares impudentes, andando como que a dançar e pensando mais na cabeça do que em Deus, então virá o dia em que o Senhor fará tihosa a sua cabeça, e tirará os seus enfeites e vestidos e os véus que usam só para a moda. Isaías 3.

Concluindo: Vede entre vós mesmas se é decente que a mulher ore ou profetize com a cabeça descoberta?

ADVENTISTA